

Conexão ilegal

DOPS gaúcho trocou presos com o Uruguai

Na manhã do domingo 12 de novembro de 1978, algumas horas antes do seqüestro em Porto Alegre dos uruguaios Universindo Diaz e Lilian Celi-berti, o ex-policial Carlos Gustavo Barbosa Pereira, 31 anos, foi abordado numa das ruas da cidade de Bagé, perto da fronteira com o Uruguai, por seu amigo Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada", agente do DOPS gaúcho. Em troca de 15 000 cruzeiros, Orandir propôs a Pereira transportar clandestinamente, no sábado seguinte, um casal de uruguaios até a cidade de Aceguá, do outro lado da fronteira, onde os passageiros seriam entregues a militares do seu país. Pereira recebeu o dinheiro adiantado, mas não precisou fazer o serviço: no dia combinado, Orandir informou-o de que "o negócio michou".

Semanas depois, o agente do DOPS admitiu para Pereira que os uruguaios que ele deveria levar até Aceguá eram Universindo e Lilian, capturados na capital gaúcha por policiais brasileiros e recambiados ilegalmente para o Uruguai. O ex-policial guardou essa história em segredo até a semana passada, quando a revelou para VEJA. "Não dava mais para manter silêncio sobre o assunto", explicou Pereira. "Como Orandir e outros agentes do DOPS acharam que indaguei demais sobre o caso, passaram a me ameaçar e perseguir. Nunca mais consegui um emprego."

Nervoso, muito magro, vivendo com sua mulher à custa da mãe, Pereira contou que, desde 1976, participou de quatro operações de transporte até Aceguá de uruguaios seqüestrados no Rio Grande do Sul por agentes do DOPS de Porto Alegre. "Era um negócio muito lucrativo para os agentes que se envolviam nas operações", confessa Pereira. "Muitos deles até largavam a polícia pa-

ra poder mais livremente colaborar nesses casos." Mesmo sem ter participado de nenhum outro crime desse gênero desde novembro de 1978, Pereira afirma que, no ano seguinte, recebeu de Orandir três gratificações que totalizam 170 000 cruzeiros.

"À BASE DE TAPAS" — Filho de um policial, Pereira serviu à polícia em Bagé entre 1973 e 1975. Nesse ano, acusado de participar de uma quadrilha que falsificava carteiras de motorista vendidas a 1 000 cruzeiros, ele foi afastado da polícia e começou a responder a processo na Justiça que se arrasta até hoje. Desempregado, no final do ano seguinte foi atraído por Orandir para sua primeira operação de transporte de presos até Aceguá. "Disseram-me



Pereira (à direita), e seu advogado: "Orandir (acima) é seqüestrador"

que não haveria problemas porque era coisa feita pela própria polícia", relembra Pereira. "E não houve mesmo."

Escortado até a fronteira por dois carros carregados de policiais do DOPS de Porto Alegre, ele levou de Bagé um casal idoso de uruguaios que vivia há muito tempo no Brasil. "O esquema adotado seria o mesmo nas operações seguintes", conta Pereira. "O carro me foi entregue, com o casal no banco traseiro, defronte da agência de Bagé do Banco do Brasil. Não tive dificuldades de atravessar a fronteira." Os policiais uruguaios de serviço na divisa entre os dois países eram previamente avisados da operação para não interferirem. Por ins-

trução dos agentes do DOPS, Pereira deveria estar vestido com uma camisa de cor vermelha ou branca.

Vencida a fronteira, ele seguia na direção de Aceguá, era interceptado por militares uruguaios pouco antes de entrar na cidade e entregava seus passageiros. Na volta, Pereira abandonava o carro, com a chave na ignição, na rua do Hotel Charrua, no centro de Bagé. Nos dois anos seguintes, ele transportou um casal de jovens uruguaios, dois homens

— um deles, de sobrenome Oliveira, jogador de futebol — e uma mulher com uma criança. "A mulher estava muito nervosa e gritava que iam matá-la", revela o ex-policial. "Ela foi retirada do carro em Aceguá à base de tapas, aplicados pelos soldados."

Em sua última viagem, feita em julho de 1978, Pereira retornou com dois brasileiros, presos no Uruguai e recambiados aos cuidados do DOPS gaúcho. Um deles era um mecânico, que se dizia chamar Rui da Fontoura e que passara os últimos quatro meses como empregado da Pepsi-Cola em Montevidéu. Foi acusado apenas de namorar uma jovem considerada esquerdista pelo governo militar uruguio. Pereira não sabe calcular quantos agentes do DOPS de Porto Alegre se envolveram nessa troca ilegal de presos entre os órgãos de segurança do Brasil e do Uruguai. "Sei que fo-

ram muitos", revela, "e alguns deles, como o Orandir, me garantiram que se eu continuasse a fazer tudo direito poderia até retornar aos quadros da polícia pelas mãos do delegado Pedro Seelig, do DOPS." Seelig e Orandir recusaram-se na semana passada a falar sobre as confissões do ex-policial. "Nada a declarar", limitou-se a dizer Orandir. Pereira, agora alega estar procurando emprego. Seu advogado no processo que responde na Justiça, Mário Aguiar Moura, acha que ele poderá ser absolvido e retornar aos quadros da polícia. Mas Pereira descarta a idéia: "Não quero nem pensar nisso".

PEDRO MACIEL, de Bagé



JORGE MEDITSCH